

Américo René Giannetti: Plano-Programa de Administração para Belo Horizonte (1951-1954)

Ricardo Giannetti¹

Palavras-chave: Américo René Giannetti; Administração pública; Plano-Programa de Administração para Belo Horizonte.

Introdução

O presente estudo conclui o retrato biográfico de Américo René Giannetti, cuja primeira parte foi apresentada no 6º Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais, realizado em 2016. No trabalho então exposto, *Américo René Giannetti: a industrialização e o planejamento econômico de Minas Gerais (1930-1950)*,² foram abordadas as principais ações que construíram a escalada profissional do engenheiro e industrial em Minas Gerais. Tomou-se como ponto de partida a trajetória de sua família – de seus pais Pietro Giannetti e Teresa Antonini Giannetti, e do tio materno, engenheiro Carlo Antonini –, imigrantes originários da Toscana, estabelecidos no Brasil no curso da última quadra do século XIX. Discorreu-se, em linhas gerais, sobre as realizações de Giannetti nos setores da siderurgia, da fabricação de papel, da cerâmica, da construção civil, à frente de empreendimentos imobiliários e, com relevo, sobre o seu envolvimento pessoal na missão pioneira de dotar o país da indústria de alumínio primário, nos anos 1934 a 1945, ao criar a Elquisa, sediada em Saramenha, Ouro Preto – a primeira unidade fabril a produzir o metal no Hemisfério Sul.

Tratou-se, ainda, acerca da liderança desempenhada por Giannetti junto às organizações de classe, algumas das quais fundadas e presididas por ele, como a Sociedade Mineira de Engenheiros e a Federação das Indústrias de Minas Gerais. Sobretudo, mereceu destaque sua participação no setor público, ao assumir, a convite do governador Milton Campos, a Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho, sabendo-se ter sido essa atuação revestida de alta relevância para o desenvolvimento econômico que passaria a

¹ Pesquisador e autor de artigos sobre a arte brasileira, em especial sobre a arte oitocentista mineira. Escreveu o livro *Ensaio para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX* (Autêntica, 2015), no qual renova a abordagem do tema proposto numa coletânea de oito textos. Em 2016, apresentou o estudo *Américo René Giannetti: a industrialização e o planejamento econômico de Minas Gerais (1930-1950)* no 6º Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais.

² GIANNETTI, R., 2016.

experimental o Estado de Minas Gerais nas décadas seguintes, alicerçado de forma manifesta no trabalho de sua autoria, o Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção, em andamento a partir de 1947.

Movimentações políticas

Em meados de 1950, na fase conclusiva do governo Milton Campos, permanecendo Giannetti à frente da Secretaria estadual, iniciaram-se, no cerne das classes produtoras, as atividades de uma comissão de representantes da lavoura, da indústria, do comércio e dos trabalhadores, que lograram conformar um movimento expressivo no sentido de convocá-lo à disputa da sucessão estadual nas eleições que se avizinhavam. Considerava-se fundamental a presença de Giannetti à frente do Executivo, sobretudo, para garantir a continuidade administrativa que visava a aplicação das medidas preconizadas pelo Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção, então em pleno curso. Com esse propósito, chegou-se a congregar em torno do potencial candidato, vozes significativas tanto do setor empresarial quanto dos trabalhadores, fato inédito na cena política mineira daquela quadra.

Essa indicação teve origem e passou a merecer progressiva aceitação no âmbito do Partido Trabalhista Brasileiro estadual, que se tornou o principal articulador da ideia. Apoiada a proposta por um conjunto de mais de cinco mil assinaturas, segundo iniciativa do PTB, seguiu-se a sugestão à União Democrática Nacional, legenda a qual se encontrava filiado o Secretário da Agricultura, para que, com o respaldo assegurado, fosse o seu nome indicado para concorrer ao governo de Minas. Nesse período de intensas negociações e incertezas, Giannetti resolve, em 1º de julho, se afastar da Secretaria de Agricultura.³

Em 17 de julho, vendo-se em andamento a pretensão do PTB, dirigiram seus representantes uma consulta formal ao senador Getúlio Vargas, ainda recolhido em sua Fazenda Itu, no Rio Grande do Sul, mas já em franca articulação de sua própria candidatura à presidência da República. Por meio de um documento com assinaturas de representantes da agremiação, foi encaminhado a Vargas o pedido para que pudesse o PTB regional apoiar a candidatura de Giannetti. A leitura do cenário político que faziam os dirigentes do PTB era correta, tendo em vista as adesões importantes vindas dos diversos setores produtivos. Considerando o expressivo prestígio em todas as regiões do estado, o nome de Giannetti seria,

³ Américo René Giannetti exerceu o cargo de Secretário da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho em duas gestões: de 19 de março de 1947 a 1º de julho de 1950, e de 3 de agosto de 1950 a 30 de janeiro de 1951.

com segurança, o mais forte para superar a disputa eleitoral com o candidato a ser definido pela Comissão Executiva do PSD, em 20 de julho, entre Bias Fortes e Juscelino Kubitschek.

Contudo, no âmbito da cúpula da própria UDN, ao lado de Giannetti, apresentavam-se como fortes candidatos também os nomes de Gabriel Passos, Pedro Aleixo e Magalhães Pinto. Como resultado, ao término das movimentações políticas e das disputas internas no partido, a candidatura de Giannetti acabaria frustrada, ao sair vitoriosa na convenção a indicação oficial de Gabriel Passos.

Na sequência, como uma derradeira confirmação de apoio, divulga-se publicamente o documento “Manifesto das Classes Trabalhadoras”, assinado por lideranças de diversos partidos e pela quase totalidade dos dirigentes das classes do estado. Veiculado por meio de transmissão radiofônica, em 26 de julho, e reproduzido na imprensa da capital no dia seguinte, o documento apresentava, de forma conclusiva, a indicação do nome de Giannetti aos partidos envolvidos na corrida pela sucessão estadual. Não obstante a repercussão alcançada por mais esse movimento em favor da sua candidatura, encontrava-se já definido o quadro da disputa eleitoral.

Foi a partir desse momento de vácuo para Giannetti que se deu a consulta, feita pelo Partido Democrata Cristão – quase que de última hora, mas de forma vigorosa –, para que aceitasse disputar o cargo de prefeito de Belo Horizonte. A proposta, logo apoiada por expressiva manifestação popular, recebeu, em seguida, a adesão da própria UDN, ao somar, desta feita, seu apoio à candidatura do filiado. A 3 de outubro, cumpridas poucas semanas de campanha, sairia vitorioso o nome de Américo René Giannetti no pleito popular.⁴

Administração Pública

A partir da eleição para o cargo de prefeito da capital, ocorrida sua posse a 31 de janeiro de 1951, Giannetti, obedecendo a um traço pessoal que imprimia em todas as suas ações, volta-se, preliminarmente, para o estudo criterioso da situação do município, visando identificar os problemas que o afetavam, principais tópicos a serem sanados pela execução do programa de melhoramentos.

Uma vez conhecedor da questão, empenhado em proceder com a máxima clareza a intervenção pretendida, o prefeito, em poucos meses de trabalho, destinava à capital mineira o

⁴ Apresentaram-se também como candidatos: Amintas de Barros, pelo PTB; Aluisio Rezende Neves, pelo PSP; Bento Gonçalves Filho, pelo PR; e Heráclito Mourão de Miranda, pelo PTN, PSD e PST; e outros partidos menores.

Plano-Programa de Administração para Belo Horizonte, que ditaria o curso das atuações da Prefeitura. Apresentado à Câmara Municipal, em Sessão Ordinária de 22 de junho de 1951, o autor ressalta, na abertura do volume, suas principais motivações e o propósito de introduzir técnicas renovadas de administração pública:

As prementes exigências da vida moderna levaram não apenas os indivíduos, mas também o Estado, a lançar mão de novos métodos, capazes de tornar mais eficiente e produtiva a missão do administrador. No que toca ao Poder Público, processa-se uma verdadeira revolução no domínio da ação administrativa, a fim de torná-la apta a solucionar os problemas criados pelas profundas mudanças operadas na vida coletiva. Tal ação deve ser predominantemente objetiva, para que possa influir em todos os setores de atividade, quer quando se trate de instituições de caráter público, quer particulares, tendo em vista levar a cooperação e o estímulo do Governo a tôda parte, fomentando iniciativas úteis, disciplinando forças construtivas, ou, ainda, corrigindo os desajustamentos sociais.⁵

A seguir, esclarece sobre o alcance do Programa e sobre a atuação limitada do Poder Público, deixando claro que a ação estaria vinculada, obrigatoriamente, a um projeto definido e aprovado, a ser seguido com rigor:

Mas êsse esforço, conquanto enérgico e vivo, não pode ultrapassar as limitações impostas pelos fundamentos jurídicos do regime e pelas próprias conveniências coletivas. Terá, portanto, de obedecer a um plano, a uma programação, que, respeitadas aquelas regras caracterizadoras da democracia, permita realizações que atendam, imediatamente, aos urgentes reclamos do povo.⁶

Plano Diretor

Em artigo publicado em 1987, a administração de Giannetti será bem compreendida por Celso Mello de Azevedo – que o sucedera, em 1955, à frente da prefeitura da capital –, tendo assim se expressado ao avaliar suas realizações:

Durante sua gestão como prefeito, [*Giannetti*] empreendeu muito em benefício da cidade, sobretudo com a atenção voltada para o seu futuro. Foi, por assim dizer, em sua gestão, que Belo Horizonte começou a ter definido o seu Plano Diretor, já que – desde os pioneiros – vinha-se simplesmente acompanhando o crescimento meio desordenado da Capital.⁷

Desta forma, com a visão clara de bem planejar mantendo o foco nas gerações futuras, como comentou Mello de Azevedo, conduzira Giannetti seus estudos:

⁵ GIANNETTI, A. R., 1951, p. 9.

⁶ GIANNETTI, A. R., 1951, p. 12.

⁷ MELLO DE AZEVEDO, p. 2, 21 a 27 out. 1987.

[...] já se perde à distância o tempo em que os homens públicos, imbuídos de bôa fé, podiam estabelecer normas de governo confinadas aos seus mandatos efêmeros, levando a efeito a concretização de obras e realizações isoladas, que beneficiavam apenas uma parcela mínima da população.⁸

Abrindo breve parêntesis neste ponto, deve-se comentar que, por uma série de fatores, na sequência das administrações que se seguiram, a cidade foi atingida por uma sucessão de equívocos e desvios de rumo, distanciando-se da orientação do Plano-Programa de 1951. Anos mais tarde, em 1968, ao escrever sobre propostas para as cidades, o arquiteto Sylvio de Vasconcellos, no artigo “Planejar significa também continuar”, lamenta aquilo que ocorrera em Belo Horizonte nos anos subsequentes à administração de Giannetti:

O prefeito Américo René Giannetti [...] foi dos raros que dispunham de um programa concreto de realizações, parte do qual procurou realizar, legando a seus sucessores princípios lógicos, carecedores de continuidade. Quando secretário de Estado regional, programas que fizeram a glória de Juscelino Kubitschek, um dos poucos governadores que não se recusaram a compreender e aproveitar iniciativas em curso. A Usina de Salto, a taxa de recuperação econômica e outros itens do programa de Giannetti foram as bases reais onde vicejou a Energia e Transporte, binômio de Juscelino. Lamentavelmente, porém, na prefeitura tal não aconteceu. Giannetti previu, por exemplo, o alargamento da Avenida Antônio Carlos em seu princípio e chegou a declarar de utilidade pública suas margens. A ideia caducou, e hoje a entrada da referida avenida está irremediavelmente prejudicada. [...]

É triste, assim, que Belo Horizonte, planejada de início, permaneça em crescimento desordenado, sem planejamento eficaz. Urge que a administração municipal compreenda, afinal, o que é um Plano Diretor, que não se resume a levantamentos estatísticos e projeto estanque. Plano Diretor é serviço permanente, mola propulsora da administração. É impessoal, constitui-se em base única para êxito perdurável das administrações. [...] É a própria inteligência da máquina de realizações urbanas, em permanente atuação. É o único caminho do êxito e, até do êxito político dos administradores inteligentes.⁹

Compromissos e realizações

Em sua argumentação, na abertura do Plano-Programa, Giannetti evidencia não ter o trabalho apresentado à Câmara a pretensão de ser um plano econômico, e sim, deixar expresso o planejamento objetivo de ordenação das ações do setor administrativo municipal:

Não se trata, evidentemente, de planificar uma economia e nem de elaborar um plano de sentido econômico. O que se deseja é disciplinar e equacionar as primeiras questões que a atual administração pretende abordar e solucionar e, sobretudo, estabelecer, através de normas, codificação de leis, instituição de planos e programas permanentes, criação de órgãos

⁸ GIANNETTI, A. R., 1951, p. 9-10.

⁹ VASCONCELLOS, 2006, p. 213-214.

indispensáveis, etc., um conjunto de providências que sejam fatores, elementos e condições permanentes de estabilidade e continuidade à ação administrativa.

No fundo haverá também muito de sentido econômico no plano-programa, pois que assuntos tão relevantes e de interesse coletivo envolvem, sob múltiplas formas, a economia pública e a particular.

Mas, a preponderância do programa administrativo se caracterizará pela resolução dos problemas mais prementes e pelas realizações que serão levadas a efeito nos setores da educação e cultura, da saúde e assistência social, do abastecimento, do tratamento e distribuição da água, dos edifícios públicos, do calçamento, dos esgotos, das obras de urbanização e embelezamento, dos transportes coletivos, do serviço rural de defesa e fomento, dos mercados e feiras, além de outros serviços de naturezas diversas.¹⁰

Recorre-se, uma vez mais, ao artigo de Mello de Azevedo, para destacar palavras de seu reconhecimento, ao evocar os compromissos assumidos e as realizações efetivas do prefeito que o precedera:

[*Giannetti*] Compreendeu que era necessário não conter, mas orientar o desenvolvimento urbano e suburbano. Era necessário prever para prover. E foi assim que cuidou de preparar o abastecimento de água na quantidade e na qualidade necessária para os anos seguintes, tendo promovido a construção da primeira adutora dos Fechos; pôs em circulação os primeiros trólebus que serviram ao transporte citadino; criou o IMACO, Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis; construiu o Colégio Municipal da Lagoinha e vários outros educandários, distribuídos pelos bairros e vilas da Capital.¹¹

Sonhar a cidade

Sobre a intenção de formular para a cidade uma proposta ao mesmo tempo objetiva e abrangente, Giannetti expõe no Plano-Programa a necessidade de voltar a atenção do governo, de forma importante, aos setores da educação e da cultura, valorizando-os em suas manifestações nascentes na comunidade. Nessa perspectiva, argumenta o prefeito:

Os legítimos e impostergáveis interesses da comunhão dos munícipes estão a exigir identidade e unidade de intensões dos que têm hoje a grave responsabilidade da missão para que foram eleitos. Se de um lado, pois, as solicitações urbanísticas reclamam a atenção vigilante do administrador, por outro lado, não se pode esquecer que a cidade é um centro de civilização. E, como tal, o desenvolvimento material deve acompanhar a evolução intelectual, que é a vida do espírito. Aquê, sem êste, é perecível e não resiste à sucessão das épocas. Cumpre, pois, ao administrador criar condições favoráveis ao desenvolvimento das atividades desinteressadas, no plano espiritual, sem as quais nunca se poderia modelar a “civitas” como expressão de uma mentalidade e de uma cultura. [...] ¹²

¹⁰ GIANNETTI, A. R., 1951, p. 12.

¹¹ MELLO DE AZEVEDO, 1987, p. 2.

¹² GIANNETTI, A. R., 1951, p. 13-14.

Esse entendimento, introduzido no Plano-Programa, se reveste de uma responsabilidade que ultrapassa, em muito, os breves limites temporais da gestão administrativa a qual se empenhava. Trata-se de uma proposta dirigida aos munícipes contemporâneos empenhados em suas atividades cotidianas, com certeza, mas, sobretudo, também às gerações futuras. Ao argumentar sobre esse anseio, Giannetti aproxima-se dos registros fundadores da história da cidade:

Poucos dias depois da instalação da nova metrópole, eminente representante da cultura mineira formulava um voto no sentido de que Belo Horizonte não fosse apenas a Capital administrativa do Estado, mas também, e sobretudo, a sua Capital espiritual.

O pensamento que se exprimia nesse voto ainda deve preocupar, de certo modo, a todos aqueles que se interessam pelo destino da bela cidade edificada nas montanhas. Se Belo Horizonte é já uma expressão e uma síntese da cultura do povo mineiro, nem por isso se devem perder de vista os problemas que se entendem com os valores espirituais da cidade. Ao lado dos deveres que impõe o desenvolvimento da “*urbs*”, é necessário ter a atenção permanentemente voltada para as exigências da “*civitas*”, nas quais se resume o que há de mais profundo e substancial na vida de uma comunidade.¹³

O entendimento dos construtores da nova metrópole Belo Horizonte, cidade moderna concebida por um ato de vontade no alvorecer da República brasileira, ao término do século XIX, encontrava, assim, abrigo nas ideias contidas no Plano-Programa de Administração de Giannetti, naquele início dos anos 1950. O cunho utópico do pensamento dos construtores e do administrador, ao formularem uma cidade permeada de valores fundamentais, pode ser entendido como uma forma de reação à realidade da sociedade em que viviam e um desejo de superação dessas condições. Uma amplificação dessa concepção será renovada, ainda no curso da segunda metade da mesma década, no planejamento de Brasília, na expressão de um de seus idealizadores, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, ao se referir à capital administrativa que, ao lado de Oscar Niemeyer, implantara no Planalto Central. Esse pensamento se encontra bem definido nas palavras do presidente Juscelino Kubitschek:

O que distinguia Brasília de outras cidades, do tipo “artificial”, segundo a conceituação dos geógrafos franceses Brunhes e Vallaux, é que ela foi construída sem qualquer motivação de natureza pessoal. Surgiu como um impulso de bandeirismo, tendo como objetivo o deslocamento da fronteira demográfica para a complementação da posse do território que só existia no mapa. [...]

Brasília impôs-se por suas raízes históricas e pela conjugação de numerosos fatores sociológicos. Lúcio Costa, ao definir o significado plástico da concepção da nova Capital, escreveu, com admirável precisão: “Não é uma *urbs*, é uma *civitas*”. O que eu tinha em vista não era construir apenas uma cidade, por muito revolucionária que fosse, mas edificar uma nova República. Iria criar no país as condições necessárias para a abertura de uma etapa

¹³ GIANNETTI, A. R., 1951, p. 14.

diferente na história – a etapa da maturidade nacional, ajustada às exigências do desenvolvimento, imposto pela nova idade do mundo.¹⁴

Educação e Cultura

Com relação ao setor da Educação e Cultura, um dos tópicos importantes no conjunto do Plano-Programa, Giannetti detalha, em seu Capítulo 7, aquelas que seriam as principais atuações da administração. Postas em prática, as ações empreendidas foram bem compreendidas no ambiente municipal, notando-se repercussão de seus resultados no âmbito nacional. Um exemplo dessa atuação da Administração pode ser localizado em um artigo do artista, historiador e crítico de arte, Quirino Campofiorito, ao se referir à retomada, em 1952, da periodicidade anual do Salão de Belas Artes de Belo Horizonte:

Num belo pavimento do edifício “Dantés” está instalado o VIII Salão de Belas Artes de Belo Horizonte. O certame, depois de sua sexta realização, ficou suspenso durante alguns anos. Em 1952 voltou a ser realizado, já pela atual administração municipal. Dizem todos aqui que o prefeito Americo René Giannetti é criatura que não se desliga das coisas de espírito, e suas atenções para a vida cultural da capital mineira são permanentes. Dotado de grandes inclinações para tudo que signifique aprimoramento intelectual, o prefeito Americo René Giannetti vem dando apoio decidido ao engrandecimento da existência cultural de Belo Horizonte. A volta do Salão de Belas Artes, que ao seu início tivera excelente repercussão em todo o país, exprime bem o desejo de que não se deixem perder aquelas iniciativas da inteligência e da sensibilidade de artista mineiras que se integram no patrimônio cultural do povo brasileiro.¹⁵

Na introdução do capítulo específico do Plano-Programa, encontra-se uma reflexão sobre a importância de dirigir atenções especiais aos setores da educação e cultura. De forma concisa, é este o pensamento do prefeito:

Faleceria ao govêrno da cidade uma dimensão essencial, se deixasse de avivar e acentuar as linhas de sua ação na área administrativa atribuída à educação e cultura. Preposta à orientação dos negócios da Capital do Estado, a Prefeitura não pode limitar-se a dirigir-lhe a vida, o crescimento, a expansão e os destinos num sentido meramente horizontal. As cidades nascem, crescem, vivem também verticalmente, isto é, o seu destino não se orienta apenas no rumo das expansões materiais, que lhe constituem, sem dúvida, necessidades essenciais, mas não podem limitar-lhes a expressão, nem ter a primazia dos interesses e dos recursos da administração, já que os agrupamentos humanos socialmente ordenados e organizados em cidades não são apenas expressões materiais, não vivem apenas fisicamente, mas para serví-los também espiritualmente e oferecer-lhes instrumentos indispensáveis à vida do seu espírito, da sua inteligência, da sua sensibilidade, numa palavra – da sua cultura – é que as organizações urbanas existem e devem ter orientados os seus instrumentos de trabalho.

¹⁴ KUBITSCHKE, 1978, p. 359.

¹⁵ CAMPOFIORITO, p. 11, 20 dez. 1953.

De feito, a organização social que se denomina cidade não é só um mecanismo: é, por igual, um *sensorium*, tanto mais agudo quanto mais bem servido de antenas, e o primeiro somente será eficaz e completo na exata medida em que o segundo puder ouvir, captar e recolher os anseios da cidade para traduzí-los e transformá-los, por um lado, em conforto material e em progresso e, por outro, em bens de cultura e aquisição de civilização.

Fiel a esta linha de pensamentos, deliberou o atual govêrno municipal, na medida das suas possibilidades financeiras, dotar o Departamento de Educação e Cultura dos meios necessários para que êle comece a cumprir com exatidão a tarefa preeminente de prover às necessidades espirituais mais vivas da população de Belo Horizonte, nas várias formas sob que se apresenta.¹⁶

Quadro do Plano-Programa de Administração

O Plano-Programa divide-se em dez capítulos. No corpo do trabalho se encontra detalhada, como ponto inicial, a real situação do Município. Seguem-se as devidas propostas de atuação. A estrutura do texto comporta os tópicos principais:

1. Breve Histórico do Município

Evolução política; Desenvolvimento econômico; Desenvolvimento demográfico; Aumento do número de prédios; Logradouros públicos e sua pavimentação; Evolução do suprimento e consumo d'água; Evolução industrial; Consumo de energia elétrica; Transportes coletivos; Desenvolvimento comercial; Belo Horizonte, Centro Econômico Financeiro.

2. Do Patrimônio Imobiliário

Preservação e criação do Fundo Imobiliário para desapropriações; Próprios Municipais – necessidade da construção de novos, restauração e conservação dos existentes.

3. Da Organização Administrativa

Reestruturação do serviço; Situação dos servidores; Codificação das leis municipais; Estatuto dos Funcionários Públicos Municipais; Código de Posturas; Código de Obras; Código Tributário; Consolidação das leis diversas.

4. Da Gestão Financeira

Passivo da Prefeitura em 31-12-947; Passivo financeiro; Passivo permanente; Passivo da Prefeitura em 31-12-950; Passivo financeiro; Passivo permanente; Dívidas e Compromissos

¹⁶ GIANNETTI, A. R., 1951, p. 107-108.

em apuração; Programa financeiro para 1951; Providências para garantir o equilíbrio do orçamento.

5. Dos Serviços Industriais e Comerciais

Serviços administrados pela Municipalidade; Abastecimento, tratamento e distribuição d'água; Esgotos.

6. Da Saúde Pública e Assistência Social

Serviços de Profilaxia; Serviço médico hospitalar; Serviço social; Centros Sociais; Localização dos centros sociais; Contribuição para aquisição da sede própria para a “Associação dos Ex-Combatentes da F.E.B.”; Construção de restaurantes populares estudantis; Construção de Sanatório para a recuperação do tuberculoso; Auxílio para a construção de um pavilhão no Sanatório Morro das Pedras.

7. Da Educação e Cultura

Teatro Municipal; Ginásio Municipal; Escolas Municipais; Biblioteca, Discoteca, Filmoteca e Mapoteca – Salão de Belas Artes e de Conferências; Estádio do Esporte Amador; Escolas Rurais; Monumento à Liberdade; Estátua da Liberdade; Monumento ao Trabalhador.

8. Do Plano Diretor

Necessidade da criação do serviço; Plano Rodoviário e de novas avenidas; Novas Avenidas, Rodovias.

9. Obras Complementares de Urbanização

Calçamento; Obras para regularização das enchentes dos córregos do Acaba Mundo e Leitão; Canalização do Ribeirão Arrudas na Ilha dos Urubus e junto ao Viaduto da Gameleira; Canalização do Córrego da Serra no interior dos quarteirões; Construção do Viaduto Barro Preto-Carlos Prates; Túnel Lagoinha-Concórdia; Restauração do Parque Municipal e canalização do córrego; Construção do Jardim Zoológico; Construção de Parque, jardins playgrounds; Prolongamento da Avenida Brasil; Avenida de acesso à Rodovia Belo Horizonte-Rio (BR-3); Radial do Matadouro; Acesso ao Bairro de Santa Lúcia; Obras públicas diversas; Obras diversas em Venda Nova e no Barreiro de Cima e de Baixo; Arborização e reflorestamento; Novos Cemitérios; Usina de asfalto; Barragem de Santa Lúcia.

10. Da Estimativa dos Recursos Ordinários e Extraordinários para o Plano de Obras

Recursos ordinários; Recursos extraordinários; Orçamento do plano de obras públicas para os exercícios de 1952 a 1955; Despesas com o plano de obras públicas, aquisição de equipamentos e utilidades diversas.

Notas bibliográficas

CAMPOFIORITO, Quirino. Artes Plásticas. O “Salão” de Belo Horizonte. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 11, 20 dez. 1953.

GIANNETTI, Américo René. *Plano-Programa de Administração para Belo Horizonte*. Apresentado pelo Prefeito à Câmara Municipal na Sessão Ordinária de 22 de junho de 1951. Belo Horizonte: Gráficos Santa Maria, 1951.

GIANNETTI, Ricardo. Américo René Giannetti: a industrialização e o planejamento econômico de Minas Gerais (1930-1950). *Revista Virtual da Imigração Italiana em Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/textos.html>>.

KUBITSCHKEK, Juscelino. *50 Anos em 5*. Meu Caminho para Brasília, v. 3. Rio de Janeiro: Bloch, 1978.

MELLO DE AZEVEDO, Celso. Lembrando Giannetti. *Correio Mineiro*, Belo Horizonte, p. 2, 21 a 27 out. 1987.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Planejar significa também continuar. In: _____. *Arquitetura, Arte e Cidade: Textos reunidos*. Celina Borges Lemos (Org.). Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 211-214.

Anexo

Cronologia – Américo René Giannetti

c. 1880-1885 – O engenheiro Carlo Antonini (Asciano Pisano, Itália, 1847 – Belo Horizonte, 1913), já então estabelecido no Brasil, assume a execução de obras de arte na Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba.

c. 1889 – Carlo Antonini desloca-se para o Rio Grande do Sul, onde passa a atuar como sub-empiteiro das obras da Estrada de Ferro Bagé–Uruguaiana, sob a responsabilidade de João

Baptista Vianna Drummond, o barão de Drummond, e do engenheiro e político Francisco Pereira Passos, mais tarde prefeito do Rio de Janeiro.

1895 – Chegam ao Rio Grande do Sul, Pietro Giannetti (Bagni San Giuliano, Itália, 1872 – Rio de Janeiro, 1938) e Teresa Antonini Giannetti (Asciano Pisano, Itália, 1868 – Belo Horizonte, 1957), irmã de Carlo Antonini. Pietro trabalha na administração dos empreendimentos assumidos por Carlo Antonini na construção da ferrovia.

1896 – Nasce Américo René Giannetti, a 20 de abril, em Saycan, distrito de Rosario (hoje Rosário do Sul), Rio Grande do Sul.

c. 1895 – Carlo Antonini se estabelece no arraial de Bello Horizonte e trabalha como empreiteiro de obras de construção civil conduzidas pela Comissão Construtora da Nova Capital. Entre outras, é responsável por obras no Palácio Presidencial.

1898 – Com projeto arquitetônico de José Fornaciari, Carlo Antonini constrói sua casa residencial à rua da Bahia, 1635, esquina com rua Bernardo Guimarães.

1899 – Carlo Antonini funda, em bases industriais, a Cerâmica Horizontina.

1913 – A 13 de maio, falece Carlo Antonini em Belo Horizonte. Pietro Giannetti, d. Teresa e quatro filhos deixam o Rio Grande do Sul e passam a residir na capital mineira.

1917 – Américo R. Giannetti ingressa no curso preparatório da Escola de Minas de Ouro Preto para, em seguida, iniciar os estudos de Engenharia Civil e de Minas.

1920 – Pietro Giannetti associa-se ao engenheiro Joseph Gespacher e juntos criam o Alto Forno e Fundação Gespacher & Giannetti, em Rio Acima.

1923 – A 18 de junho, Américo R. Giannetti diploma-se no curso de Engenharia Civil e de Minas. Logo a seguir, em 10 de outubro, casa-se com a jovem ouro-pretana, Honorina Esteves do Sacramento. O casal passa a residir em Rio Acima, onde Américo assume a administração do Alto Forno criado por seu pai, já então desligado da sociedade com Gespacher.

1924 – Pietro Giannetti funda uma pequena indústria de papel em Belo Horizonte, pioneira no setor.

1925 – A 5 de novembro, alguns dos principais representantes do setor siderúrgico de Minas, sob a liderança de Américo R. Giannetti, reúnem-se com o presidente Fernando de Mello Vianna, no Palácio da Liberdade.

1929 – Américo R. Giannetti deixa Rio Acima e muda-se com a família para Belo Horizonte. Em sociedade com o ex-colega Petrônio de Almeida Magalhães organiza a empresa A. R. Giannetti & Almeida Magalhães, responsável por obras de abertura de estradas de rodagem entre Belo Horizonte-Rio de Janeiro e Belo Horizonte-São Paulo, entre outras.

1931 – A Sociedade Mineira de Engenheiros é fundada em Belo Horizonte. Américo R. Giannetti, seu sócio nº 0001, é um dos fundadores da entidade.

1933-1936 – Américo R. Giannetti exerce a presidência da Sociedade Mineira de Engenheiros por dois biênios consecutivos, de 1933 a 1936, período no qual a entidade tem participação relevante nas discussões em prol da regulamentação da profissão de Engenheiro. Ainda durante a sua gestão, vê-se a SME consolidada e estabelecida em sua primeira sede própria, à rua Saturnino de Brito, 89, em Belo Horizonte.

1933 – Américo R. Giannetti, Euvaldo Lodi e Alvimar Cardozo de Rezende fundam a Federação das Indústrias de Minas Gerais. No segundo semestre, em viagem de estudos, Giannetti embarca com a família para a Itália, onde permanecerá por seis meses. Visita vários países e dedica-se especialmente ao conhecimento da indústria de alumínio.

1934-1940 – Ao retornar da Europa, Américo R. Giannetti renova em bases modernas a siderúrgica de Rio Acima, transformando-a em S. A. Metalúrgica Santo Antonio, e a Cerâmica Santo Antônio / Giannetti & Lotti Ltda, fundada em 1929, também em Rio Acima. Funda a Fábrica de Papel Cruzeiro S. A., iniciada em 1924 por seu pai, em Belo Horizonte; a Electro-Chimica Brasileira S.A., em 1934, em Ouro Preto; a Imobiliária Mineira S.A., em

1934, em Belo Horizonte; a A. R. Giannetti & Cia Ltda, com sedes em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, em 1940.

1934 – Em 1934, a Imobiliária Mineira adquire extensas glebas de terras rurais na região da Pampulha, onde mais tarde será criada o lago artificial.

1938 – Após levantamentos topográficos, Américo R. Giannetti promove estudos para a construção de uma barragem destinada à formação do grande lago na Pampulha. Em 22 de março, a Imobiliária Mineira procede a doação ao Município de uma área de 471.800 m², destinada à construção da Lagoa da Pampulha. A Imobiliária Mineira inicia a implantação dos primeiros bairros na região, dentre eles, o Jardim Atlântico, Santa Amélia, Santa Branca, Itapoã e Planalto.

1938 - Américo R. Giannetti é convidado por representantes militares do governo de Getúlio Vargas a implantar, com apoio do Estado, a produção de alumínio. Em agosto e setembro, viaja para a Europa no intuito de adquirir equipamentos para a construção da fábrica em Saramenha, visitando a França, a Suíça e a Itália. Vendo frustrada a liberação de recursos prometidos pelo Governo federal, e tendo tido início a Segunda Guerra Mundial, o processo de aquisição do maquinário será interrompido.

1939-1947 – Américo R. Giannetti exerce, por vários mandatos consecutivos, a presidência da Federação das Indústrias de Minas Gerais.

1941 – Em junho, Américo R. Giannetti embarca para os Estados Unidos, onde permanecerá por três meses, com o propósito de adquirir os equipamentos para a fábrica de alumínio, utilizando recursos obtidos por meio de empréstimo liberados através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil.

1943-1944 – Em 1943, Américo R. Giannetti, na qualidade de presidente da Federação das Indústrias, implanta os primeiros cursos da Escola de Aprendizagem do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em Minas Gerais. A 16 de novembro de 1944, inaugura a sede própria da primeira unidade da Escola de Aprendizagem do SENAI, situada na avenida da Pampulha, hoje av. Antonio Carlos.

1945 – A 26 de março, a Elquisa inicia a corrida de alumínio, em Saramenha, significando a primeira produção do metal no Hemisfério Sul. Seus principais engenheiros responsáveis foram Raymundo de Campos Machado, Walter José von Krüger e Nicodemos de Macedo Filho.

1945 – A 29 de outubro, Getúlio Vargas é afastado da presidência da República, sem que se tenha resolvido a grave questão da liberação pelo Banco do Brasil de novos empréstimos necessários para o prosseguimento das atividades da Elquisa. O governo provisório que o sucedeu, sendo presidente interino José Linhares, omite-se sobre a questão premente da indústria.

1946 – Após cerca de um ano em funcionamento, a fabricação de alumínio é interrompida, sofrendo a Elquisa a forte concorrência do produto estrangeiro que inunda o mercado brasileiro, sem a devida proteção por parte do governo do presidente General Eurico Gaspar Dutra. Nesse momento crucial é negado pelo Governo qualquer apoio à indústria brasileira.

1947 – Américo R. Giannetti, atendendo o convite do governador eleito Milton Campos, assume a pasta da Secretaria de Estado de Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho. Em junho de 1947, dá início à execução do Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção, de sua autoria.

1947-1951 – Américo R. Giannetti doa ao Estado de Minas Gerais a concessão e todos os estudos que elaborara, destinados a favorecer a construção da Usina Hidrelétrica de Salto Grande, no rio Santo Antonio, unidade que se tornaria a base do processo de desenvolvimento energético do Estado.

1950 – A 6 de junho, a Aluminium Limited, empresa estabelecida em Montreal, Canadá, assume controle da Elquisa, em Saramenha.

Américo R. Giannetti candidata-se ao cargo de prefeito de Belo Horizonte pelo Partido Democrata Cristão - PDC, depois coligado à UDN, vencendo o pleito a 3 de outubro, com ampla margem de votos.

1951 – A 31 de janeiro, Américo R. Giannetti toma posse no cargo de prefeito da capital. Apresenta o Plano-Programa de Administração para Belo Horizonte à Câmara Municipal, na Sessão Ordinária de 22 de junho de 1951.

Em 17 de agosto de 1951, a Aluminium Limited, tendo assumido o controle da antiga Elquisa, reinicia a produção de alumínio em Ouro Preto.

1953 – Publicado pelo jornalista José Aparecido de Oliveira o livro *Inquérito do Banco do Brasil*, extraído do original do deputado José Bonifácio Lafayette de Andrada, onde consta o capítulo “Electro-Química Brasileira S/A – Cessão dos direitos creditórios do Banco do Brasil ao grupo canadense da Aluminium Limited. Prejuízos verificados”, bem documentada análise que esclarece sobre os atos praticados pela instituição bancária.

1954 - *Stella della Solidarietà Italiana di 1ª Classe*. Homenagem do governo italiano a Américo René Giannetti, em 16 de março de 1954, em reconhecimento à sua contribuição em prol da reconstrução da Itália, ao término da 2ª Guerra Mundial.

1954 – Américo René Giannetti falece, a 6 de setembro, aos 58 anos de idade, no exercício do cargo de prefeito de Belo Horizonte.